

UM OLHAR GENDRADO: AS GUERRAS DE MARTHA GELLHORNⁱ

A LOOK GENDERED: WARS OF MARTHA GELLHORN

Maria Jandyra Cavalcanti Cunha*

Doutora em Linguística pela Lancaster University

Professora na Universidade de Brasília

E-mail: jandaccunha@gmail.com

Brasília, DF, Brasil

Hadassa Ester David

Mestrado em comunicação pela Universidade de Brasília

Professora no Instituto de Ensino Superior do Rio Verde

E-mail: hadassaester5@hotmail.com

Rio Verde, Goiás, Brasil

*Endereço: Maria Jandyra Cavalcanti Cunha

Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Campus Darcy Ribeiro, CEP- 70910090 - Brasília, DF – Brasil.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 11/08/2014. Última versão recebida em 31/08/2014. Aprovado em 01/09/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Resumo

Em uma época em que as mulheres ocupavam papéis secundários nas frentes de batalha, Martha Gellhorn (1908-1998) foi a mais longeva correspondente de guerra no século XX. Ela rompeu, ao mesmo tempo, com preconceitos e restrições a gênero e idade. Em mais de cinquenta anos de carreira, a jornalista cobriu da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) até a invasão das tropas norte-americanas no Panamá em 1990, então já com 84 anos. Neste trabalho, analisamos um artigo do livro *A face da guerra*, no qual Gellhorn— que, sem compromisso com objetividade e imparcialidade, descreve a guerra com emoção, sensibilidade e raiva.

Palavras-chave: objetividade. Gênero. tempo vivido

Abstract

At times when women played secondary roles on warfront, Martha Gellhorn (1908-1998) was the eldest war correspondent in the 20th Century. She fought against prejudices and constraint to gender and age. In more than fifty years of profession, the journalist covered from the Spanish Civil War (1936-1939) until the invasion of US troops in Panama in 1990, when she was 94 years old. In this paper, we analysed an article from her book *The face of the war*, in which Gellhorn pictures war with emotion, sensibility and anger.

Keywords: objectivity. gender. life span

Introdução

Em uma época em que as mulheres ocupavam papéis secundários nas frentes de batalha, Martha Gellhorn (1908-1998) foi a mais longeva correspondente de guerra no século XX. Em mais de cinquenta anos de carreira, Gellhorn cobriu da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) até a invasão das tropas norte-americanas no Panamá em 1990, decidindo parar – já com 84 anos – quando começou a guerra da Bósnia em 1992. Não antes de, no ano seguinte, fazer uma grande reportagem da ‘guerra do cotidiano’ ou da ‘guerra nossa de cada dia’ no Brasil e escrever o triste retrato do massacre de meninos de rua, publicado pela *London Review of Books* (GELLHORN, 1996).

Esse tempo vivido por Gellhorn e o fato de ser ela uma mulher trabalhando no cenário de guerra, ainda hoje tão masculino, deixaram marcas na narrativa da jornalista e escritora estadunidense. Entretanto, a batalha profissional de Gellhorn foi além, mirando um dos maiores mitos do jornalismo: a objetividade.

Extraindo de seu livro *A face da guerra* (Objetiva, 2009) o *corpus* deste trabalho, analisamos um de seus artigos no qual ela revela emoção, sensibilidade e revolta diante da guerra.

Objetividade Versus Subjetividade

Ao observar, nosso olhar é marcado por diversas variantes – entre outras, o gênero e o tempo vivido. Quando narrado, um acontecimento é construído subjetivamente, a partir da mediação de um indivíduo que, como todo o ser humano, tem suas convicções e até preconceitos. Como afirma a linguista EniOrlandi, “todo dizer é ideologicamente marcado” (ORLANDI, 2005: 38).

A objetividade jornalística, um construto basilar da teoria do espelho, é um mito. Surgida no século XIX quando estava no auge o método geral do positivismo comteano que pregava a observação dos fenômenos científicos a partir de dados concretos, sem qualquer contaminação teológica ou metafísica, a teoria do espelho defende um jornalismo objetivo, separando a informação da opinião. No século XX, a exigência de um método criterioso de pesquisa e verificação dos detalhes de um acontecimento pregada pela academia, fez com que as escolas de jornalismo supervalorizassem a objetividade. Embora bastante contestada, a objetividade ainda hoje é uma concepção dominante no jornalismo ocidental.

Para o professor de jornalismo Rogério Christofolletti, ser objetivo jornalisticamente significa noticiar sem emoções, não demonstrar paixão no relato dos fatos, utilizar citações

diretas, mostrar fontes contraditórias, buscar a pluralidade e tentar selecionar palavras neutras para descrever o contexto.

Portanto, requer distanciamento das pessoas, das circunstâncias que compõem o fato, das versões a ele ligadas. Requer não envolvimento com as partes, proximidade e engajamento. Pressupõe equilíbrio, dispensa a parcialidade no relato, espera o mínimo contato possível com os objetos do relato. Desta forma, devem ficar muito bem nítidas e estabelecidas as fronteiras que separam comentários e opiniões dos relatos informativos, pretendidos com isenção de qualquer traço de subjetividade. (CHRISTOFOLETTI, 2004:64).

Entretanto o jornalista e também professor Eugênio Bucci (2006: 92) contesta: “diz-se que tem objetividade o discurso em que se expressam as características próprias do *objeto* – e não as do autor do relato (o sujeito)”. O jornalismo – ele completa – não tem objetos, só sujeitos.

Para Bucci (*ibidem*), o pecado ético que o jornalista comete nada tem a ver com possuir convicções e mesmo preconceitos, pois isso é inerente ao ser humano. “O pecado é não esclarecer para si e para os outros essas suas determinações íntimas, é escondê-las, posando de ‘neutro’.” O pecado ético do jornalista, em suma, é falsear a sua relação com os fatos, tomando parte na impostura da neutralidade. As convicções pessoais não são capazes de estragar um texto, porque o bom jornalismo não está ligado à indiferença ou à neutralidade do sujeito. Sendo o jornalismo uma atividade que promove a cidadania, ele traz consigo também a indignação, pois as emoções estão tão presentes na reportagem como na alma humana. “Banir a emoção da informação é banir a humanidade do jornalismo” (*id.*, p. 95), mas tanto a frieza quanto o emocionalismo em excesso podem causar um desequilíbrio no texto. Se o repórter se esconde na postura de neutralidade, frustra seu público; se adota uma narrativa panfletária, ele o confunde. Em qualquer desses casos, desinforma.

Em artigo anterior, Cunha (2012: 257-258) destaca o trabalho de Martha Gellhorn, pinçando passagens em que a jornalista confessa ser extremamente difícil ficar sentada do lado de fora e assistir eventos que não podem ser alterados ou evitados. Cunha afirma que Gellhorn, desde sua primeira cobertura como correspondente na Espanha, “nunca considerou a imparcialidade como um princípio na sua narrativa sobre a guerra” e adotou “o ‘jornalismo de advocacia’ (*advocate journalism*), reportando não só ‘sobre’ indivíduos, mas, sobretudo ‘para’ eles”¹. De fato, em várias passagens de seus escritos, Gellhorn admite sentir-se paralisada por emoções conflitantes diante dos horrores da guerra e com um desejo de se juntar àqueles que estavam sofrendo com o conflito. É difícil defender a objetividade em um

relato de guerra – e até mesmo no jornalismo dos tempos de paz– pois o ofício implica uma série de escolhas e hierarquização.

A objetividade foi constantemente cobrada de Martha Gellhorn. Ela se defendia afirmando que havia muitos mentirosos no jornalismo, onde os fatos eram muitas vezes tratados como relativos e maleáveis, e que os donos de jornais e/ou editores procuravam camuflar seus interesses e ideologias, ou seja, suas subjetividades, em um suposto formato de objetividade. Apesar disso, a jornalista salvaguardava o jornalismo sério, cuidadoso, honesto. Acreditava que era uma forma de comportamento honrado, envolvendo repórter e leitor. “Embora eu tenha perdido há muito a fê inocente de que o jornalismo é uma luz orientadora, ainda acredito que ela é melhor que a escuridão total”. (GELLHORN, 2009: 253).

Quem foi Martha Gellhorn

Martha Ellis Gellhorn nasceu em St. Louis, Missouri, em 08 de novembro de 1908, em uma família judia de pai médico e mãe *suffragette*. Antes de completar 90 anos, morreu em Londres em 15 de fevereiro de 1998, devido a uma overdose dos medicamentos que tomava em sua longa batalha contra um câncer e a quase total cegueira – esta, um sofrimento ímpar para aquela que é lembrada como o grande nome do jornalismo de guerra do século XX.

Mais do que ser simplesmente lembrada pelos seus 50 anos como correspondente de guerra no século XX, Gellhorn deve ser reconhecida como uma mulher que rompeu preconceitos de gênero e idade em um domínio social que, em seu tempo, era majoritariamente masculino.

Antes de se dedicar ao jornalismo, Gellhorn havia começado uma carreira como escritora publicando artigos na revista *New Republic*. Aos 21 anos de idade, decidiu se tornar correspondente internacional na França, trabalhando por dois anos no escritório da agência United Press em Paris. Nessa época, tornou-se uma militante pacifista e escreveu seu primeiro livro, *What Mad Pursuit* (1934), no qual conta sua experiência no movimento pacifista da juventude na Europa.

Tempos depois ela retornou aos Estados Unidos para escrever uma série de reportagens sobre o impacto da Grande Depressão, o colapso econômico que ficou marcado pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929 e, em seguida, por uma recessão estendida pelo mundo até depois da II Guerra Mundial. Com a finalidade de reportar as condições dos americanos que estavam sofrendo com aquela crise econômica, Gellhorn foi contratada pela Federal Emergency Relief Association (FERA), no âmbito do New Deal, o

novo trato econômico proposto pelo presidente Franklin Delano Roosevelt (1933-1945) que visava a recuperação e a reforma da economia dos Estados Unidos.ⁱⁱ

Essa experiência de Gellhorn resultou em quatro histórias sobre a Grande Depressão publicadas em *The Trouble I've Seen* (1936), com o prefácio do inglês H. G. Wells, já então um consagrado romancista. Foi a segunda ficção de uma lista de 11 livros, da qual apenas quatro se categorizam como não-ficção.

Em 1958, com 'In Sickness as in Health' publicado em *The Atlantic Monthly*, Gellhorn recebeu um dos mais importantes prêmios literários dos Estados Unidos – O. Henry Award – concedido anualmente aos melhores contos publicados em inglês em periódicos dos Estados Unidos e Canadá.

A estreia de Gellhorn como correspondente de guerra aconteceu na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), quando ela viajou à Espanha para prestar solidariedade aos combatentes republicanos. Nesse período passou de pacifista para militante antifascista por conta do nazismo que apoiava o franquismo na guerra na Espanha e escreveu para a revista *Collier's Weekly* seu primeiro relato sobre a guerra em 1937, aos 29 anos.

Na Espanha, Martha Gellhorn reencontrou Ernest Hemingway, a quem conhecera um ano antes, em 1936, in Key West, Floridaⁱⁱⁱ. Os dois se casaram em 1940 – ela, como a terceira esposa daquele que é até hoje considerado um dos mais consagrados escritores dos Estados Unidos. Hemingway, que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1954, era então o ícone literário de Gellhorn que, contudo, não queria passar à história como simples esposa do consagrado escritor. Ainda hoje Hemingway é lembrado como um dos grandes nomes da correspondência de guerra durante a primeira metade do século XX, porém como repórter de guerra, Gellhorn o superou na segunda metade do século XX. No entanto, como romancista, ele a colocaria à sua sombra eterna – uma rivalidade que minou o relacionamento de nove anos terminado em 1946.

Em 1949, aos 41 anos, Gellhorn adotou o menino Sandy, em um orfanato italiano. Embora tenha sido por algum tempo uma mãe dedicada, devido a seu trabalho como correspondente de guerra o menino foi deixado por longos períodos aos cuidados de parentes em Englewood, Nova Jersey – uma ausência que, de acordo com o biógrafo não autorizado Carl Rollyson (2002) – viria a abalar a relação mãe-filho. Em 1954, Gellhorn casou-se com Thomas Matthews, um editor da *Time Magazine*, e domiciliou-se em Londres, onde viveu até o final da vida. Matthews trouxe consigo seu filho, coincidentemente também chamado Sandy. A relação Gellhorn-Matthews de quase uma década terminaria em 1963, mas Sandy Matthews manteve-se como um grande amigo e, posteriormente, o testamenteiro e guardião

cioso da reputação de Gellhorn. Enigmaticamente, é “para meu filho Sandy” que Gellhorn dedica *A face da guerra*.

Martha Gellhorn ficou muito tempo na ativa cobrindo guerras porque, como afirmou em diferentes ocasiões, escrever era a única coisa que sabia fazer.

Ela cobriu tudo: Finlândia (uma guerra pouco conhecida no Brasil em que a Rússia de Stalin invadiu o vizinho para ganhar território, no mesmo momento em que a Alemanha invadia a Polônia e outros vizinhos); várias fases da Segunda Guerra Mundial; China (a resistência ao domínio japonês, uma guerra que para nós brasileiros passou como se fosse um capítulo da Segunda Guerra Mundial, mas que para os chineses é o grande trauma da primeira metade do século XX); a Guerra dos Seis Dias, a primeira guerra de alta tecnologia, em que os judeus arrasados pela Alemanha nazista usaram a tática alemã da “guerra relâmpago” (*blitzkrieg*) para vencer uma coalizão de todos os países árabes; o Vietnã, paraíso dos correspondentes de guerra (o *establishment* militar no mundo sabe que os EUA perderam a guerra no *front* jornalístico, desde então, nunca mais um Estado em guerra deu aos jornalistas a liberdade que tiveram no Vietnã) (LEÃO SERVA, 2009: 18).

Gellhorn cobriu desde a guerra na Espanha até os conflitos na América Central (em El Salvador, a guerra civil entre o governo de direita e a guerrilha de esquerda; na Nicarágua, a luta dos “contras” financiada pelos E.U.A. em uma tentativa de derrubada do governo sandinista de esquerda).

Entre a guerra no Vietnã (1955-1975) e as guerras da América Central nos anos 1980, Gellhorn passou pelo Oriente Médio, sendo que já tinha 81 anos quando fez a cobertura da invasão das tropas norte-americanas no Panamá em 1990. Nesse período, a maior parte de suas matérias foram publicadas no jornal inglês, *The Guardian*. Em 1992, quando começou a guerra da Bósnia, ela – já com 84 anos – deixou a correspondência de guerra, embora tenha continuado a fazer jornalismo de qualidade. No ano seguinte, em uma de suas últimas viagens de trabalho, ela veio ao Brasil para cobrir a guerra urbana brasileira que se materializava em massacres de meninos de rua. Assinou então o texto ‘Os assassinatos no Brasil’ para o *London Review of Books* (GELLHORN, 1996).

Gênero e tempo vivido

Gênero e tempo vivido são dois importantes construtos na fértil vida de Martha Gellhorn como correspondente de guerra.

O gênero e refere às construções social, psicológica e cultural impostas às diferenças biológicas do sexo. Na guerra, essa construção é tradicionalmente de grande hostilidade às mulheres.

Atualmente é permitido às mulheres ingressar como soldados nas tropas de muitos países, porém, até o século XX, a guerra era considerada “*no job for awoman*”, um trabalho não apropriado para mulheres^{iv}. Elas ficavam na retaguarda mantendo a ordem em cidades esvaziadas, aguardando o retorno de seus homens que sempre voltavam com mutilações físicas ou psicológicas e, frequentemente, em caixões. Sem ter tempo de enxugar as lágrimas pelos filhos mortos, as mulheres passaram a trabalhar em fábricas para ajudar na produção de artefatos de guerra, mas, sobretudo para evitar o colapso econômico que poderia levar a população civil à fome.

Para as mulheres, a violência da guerra transcende a tiros e bombas. Elas sempre são violentadas – em todos os sentidos. Se no caminho das tropas, frequentemente se tornam botim. Por fome sua ou de seus dependentes, muitas vezes entregam o próprio corpo. Se apaixonadas por soldados inimigos, quase sempre são vilipendiadas por compatriotas. Se incorporadas às tropas, elas podem fazer parte de estatísticas de estupro e assédio sexual^v.

Ainda assim, as mulheres – mesmo sem conta no banco e sem poder votar – tiveram força para iniciar um movimento de resistência na França durante os anos 1940. Nessa época, a resistência da então escritora Martha Gellhorn canalizou-se para uma frente profissional específica: o jornalismo de guerra.

Gellhorn pavimentou o caminho para outras mulheres correspondentes de guerra ao cobrir os grandes conflitos armados do Século XX desde a Guerra Civil Espanhola quando, em uma grande virada para o chamado ‘sexo frágil’, a mulher passou a ser treinada e qualificada para combater em ambos os lados^{vi}.

Em entrevista à jornalista Cassandra Jardine do *The Telegraph*, Sandy Matthews afirmou que “foi Martha Gellhorn quem persuadiu Ernest Hemingway a ir com ela observar [aquela guerra]”^{vii}. Segundo Matthews, foi também Gellhorn “que viu a carnificina nas praias no Dia D enquanto Hemingway ficava em segurança no navio”. (*The Telegraph*, 15 mai. 2001).

Incumbida pela revista *Collier's* de escrever sobre o recuo do exército chinês diante da invasão japonesa, Gellhorn foi a Hong Kong fazendo-se acompanhar pelo marido. Ela, uma idealista, revoltou-se com o trabalho escravo que presenciou, porém a situação chinesa não abalou Hemingway.

De acordo com Kevin Karrane, um dos organizadores do livro *The art of fact: A Historical Anthology of Literary Journalism* - que tem entre os textos selecionados 'The Third Winter' (O terceiro inverno, em português), enviado por Gellhorn em 1938 de uma Barcelona destruída pela guerra civil espanhola – ela concedia entrevistas somente com a condição de que o nome de Hemingway não fosse mencionado (KARRANE, 1998). Ela declarou: “Eu já era uma escritora antes de conhecê-lo... Por que então eu seria uma nota de pé de página na vida de alguém?”. Nas entrevistas que concedia, Gellhorn não citava Hemingway e sempre pedia para que o nome do ex-marido não fosse mencionado. Afirmou: “Eu já era uma escritora antes de conhecê-lo... Por que então eu seria uma nota de pé de página na vida de alguém?” (*Chicago Tribune*, 17 fev. 2008)^{viii}.

O fato de Martha Gellhorn ser uma mulher bonita também foi motivo de preconceito. Ela é descrita como “uma bela mulher” (G. HEMINGWAY, 1976), “uma loura alta”, “dona de umas belas pernas” (L. HEMINGWAY, 1962).

Em 1940 ela era uma bela mulher e o espantoso é que esteja ainda mais bela agora [*em 1976, data da publicação do livro*]. Naquela época seus cabelos eram de um louro cor de mel, cortados à altura dos ombros e ela tinha um jeito de sacudi-los quando falava, lembrando uma potranca a agitar a crina num pasto. Não me lembro da cor dos olhos de Marty, mas eram ao mesmo tempo quentes e maliciosos e cintilavam quando sorria. E a pele dela era como a de Ingrid Bergman, clara e fresca, com um viço de saúde e pureza perpétuas. [...] Quando a encontrei em Boston há uns sete anos, Marty, embora chegando aos sessenta anos, ainda era uma mulher linda... (G. HEMINGWAY, 1976:65-6).

Martha Gellhorn, jovem escritora, autora de um livro e exímia no gênero magazine, foi a Key West na ideia de entrevistar Ernest para um magazine. Martha era uma loira alta de São Luís, dona de umas belas pernas e de um magnífico humor além de rara habilidade para escrever. (L. HEMINGWAY, 1962: 233).

Na biografia não autorizada escrita por Carl Rollyson em 2002, *Beautiful exile. The life of Martha Gellhorn*, o autor a descreveu como uma manipuladora sexual e uma mãe faltosa. Isso ajudou a alimentar o preconceito em torno da própria estética de Gellhorn e relegou para o segundo plano seu trabalho como correspondente de guerra e escritora, reforçando o chavão chauvinista de que mulher inteligente tem que ser feia.

A idade, outro construto importante no trabalho de Gellhorn, deve ser pensada menos em termos de anos atribuídos (a idade numérica), mas em relação ao tempo vivido (a experiência de vida acumulada).

No quadro abaixo, ao associarmos a idade de Gellhorn aos conflitos armados que ela testemunhou ao longo das cinco décadas de cobertura jornalística, interessa-nos sobremaneira o processo de amadurecimento por ela vivenciado nas diferentes experiências de imersão em

guerras. Gellhorn escreveu os artigos que estão compilados em *A face da Guerra* (2009) durante os períodos de guerra mencionados a seguir:

As guerras no tempo vivido por Martha Gellhorn

CONFLITO	ÉPOCA DA COBERTURA	IDADE DE GELLHORN
<u>Guerra Civil Espanhola</u> (1936 – 1939)	Julho-novembro/1937 e novembro/1938	29 e 30 anos
<u>Guerra da Finlândia</u> ou Guerra de Inverno ou ainda Guerra Soviético-Finlandesa (1939 – 1940)	Dezembro/1939	31 anos
<u>Guerra Sino-Japonesa</u> (1941 – 1945)	Março/1941	32 anos
<u>Segunda Guerra Mundial</u> Europa: Inglaterra, Itália, Holanda, França e Alemanha (1939 – 1945)	Novembro/1943; fevereiro, março, junho, julho, setembro e outubro/1944; janeiro, abril e maio/1945.	35 e 36 anos
<u>Guerra da Indochina</u> Java	Fevereiro/1946	37 anos
<u>Guerra do Vietnã</u> (1955– 1975)	Setembro de 1966	57 anos
<u>Guerra dos Seis Dias</u> (1967)	Julho de 1967	58 anos
<u>Guerras na América Central</u> (década de 1980)		
<ul style="list-style-type: none"> • El Salvador • Nicarágua • Panamá 	Julho/1983. Maio/1985 Agosto/1990	75 anos; 77 anos; 81 anos

Um olhar gendrado sobre a guerra

Gellhorn revela na obra *A face da Guerra* uma preocupação especial pelas mulheres. Esse olhar feminino sobre a guerra inclui tanto a sua visão de jornalista sobre o conflito *per se* como a representação que ela faz das mulheres que nele atuam. Ambas as visões são alimentadas pela vivência e pelo processo de maturação adquiridos em cada conflito coberto. As duas traduzem a forma única de Gellhorn narrar.

Desse livro, selecionamos como unidade de análise o texto ‘Bombas sobre Helsinque’, que é o primeiro relato feito por Gellhorn para a revista *Collier's Weekly* na Guerra da Finlândia. Esse conflito – ocasionado por disputas de território entre a Rússia e a Finlândia e, por isso, também chamado de Guerra Russo-Finlandesa ou Guerra de Inverno, pois ocorreu em um período em que, no Hemisfério Norte, é essa a estação do ano– entre 30 de novembro

de 1939, quando os russos começaram a bombardear a capital do país vizinho, Helsinque, e 12 de março de 1940. Foi uma guerra curta e Gellhorn ficou por lá cerca de um mês.

A primeira personagem feminina mencionada por Gellhorn encontra-se em um hospital. Ela tinha ficado presa sob os destroços de sua casa e agora estava à espera da morte, empurrando os cobertores de cima de seu corpo porque qualquer peso era intolerável.

Seu filho estava morto, mas ela não sabia, e seu marido encontrava-se internado em outra ala, olhando fixamente para a frente com olhos de loucura. O marido era pintor de paredes. No leito ao lado dele, um rapaz moreno e bonito com um rosto ardendo pela febre se mantinha muito quieto, porque com um buraco como aquele nas costas, até mesmo respirar era uma tortura. Ele era encanador (GELLHORN, 2009:69).

A descrição – rica em detalhes – mostra que a mulher ainda ignorava a morte do filho e o estado mental do marido. Ao adjetivar as personagens, Gellhorn traça um retrato mais próximo para os leitores. Ao mencionar o estado febril do rapaz que jaz ao lado do marido ferido da mulher, Gellhorn provoca cuidado e compaixão em seus leitores. Ao mencionar que o marido é pintor de paredes e o rapaz é encanador, ela humaniza seus personagens mostrando que eles não são máquinas de guerra, mas que têm, anterior à guerra, uma vida civil.

Em tempos de guerra, visitar hospitais e falar com médicos e enfermeiros faz parte do que é previsto pelo jornalismo factual e se encaixa nos parâmetros da objetividade. No entanto, Gellhorn vai além: ela investiga, se aproxima, observa e se compromete com as pessoas.

Gellhorn fere os princípios daquilo que utopicamente é denominado ‘objetividade jornalística’, porém ela procura revelar o verdadeiro quadro da guerra: a dor, a crueldade, o sofrimento, a atrocidade. Faz isso ao mostrar como a guerra afeta as pessoas comuns, os trabalhadores, as famílias e, no artigo em questão, especificamente as mulheres.

Nem só os sentimentos ruins estão presentes na guerra de Gellhorn. Também há esperança, fé, otimismo, solidariedade. E a luta não se faz apenas com armas militares, há a batalha das dificuldades impostas pelo dia-a-dia sangrento e há a garra pela sobrevivência. A jornalista cita os caminhões que vêm de aldeias carregando gente para estações ferroviárias, onde, de lá, as pessoas poderiam pegar o trem que as levasse a um local menos atingido. Ao testemunhar a passagem de um desses caminhões, Gellhorn (2009: 70) se impressiona com a atitude de algumas senhoras.

Um motorista encostou uma escada no seu caminhão e sete pequenas senhoras idosas carregando sacolas subiram por ela, piando como pássaros. Elas falavam o inglês correto e afetado das governantas e riam porque eram desajeitadas e disseram

que sim, iam embarcar agora num trem e que não, elas não sabiam para onde iam, mas que tudo iria dar certo. Elas encontrariam um lugar para ficar. Tinha sido muito difícil na floresta, elas disseram, mas agora tudo iria dar certo.

O discurso indireto, construído com a descrição do acontecimento aliado às falas e respostas dos personagens, com o ocultar das perguntas, é uma forte característica da narrativa de Gellhorn. Em alguns momentos há pistas de que a jornalista fez as perguntas, em outros pressupomos que ela estava a ouvir as conversas. Grande observadora, ela prestava atenção até mesmo nos sotaques e palpitava sobre as possíveis ocupações das pessoas.

Ao destacar o episódio acima, Gellhorn ressalta o otimismo, a confiança e a tranquilidade das idosas. Ou seja, as atrocidades da guerra não as haviam silenciado. Falavam muito e ao mesmo tempo –por isso, comparadas a pássaros piando.

A figura feminina se faz presente na narrativa, independente da condição social. Prova disso é quando Gellhorn relata o encontro que teve com uma jovem bem vestida, acompanhada de duas crianças pequenas, a babá e um bebê. Elas haviam percorrido um longo caminho desde a cidade, com o bebê sendo empurrando por um carrinho e as outras duas crianças sendo carregadas. Eram apenas elas, tudo o que tinham havia ficado para trás, assim como todas as outras vítimas da guerra. Gellhorn não menciona o marido da jovem, fazendo os leitores supor que ele estivesse lutando ou morto na guerra. Naquele inverno bélico da Finlândia, patroa e babá rompem barreiras de classe e estabelecem uma solidariedade sem remuneração. As duas mulheres são irmãs na fuga pelas crianças, mas também por elas mesmas. A sororidade se impõe.

Gellhorn também explora outra relação tipicamente feminina: os laços entre mãe e filha. Descreve o esforço e dedicação da primeira, cuidando da segunda, que está doente.

Em uma aldeia próxima, uma mulher grande e bonita com bochechas vermelhas estava comprando remédio de tosse para a filha de 10 anos. Sua filha adoecera após três noites passadas na floresta a céu aberto. A mãe disse que agora dez pessoas dormiam em uma cabana de um cômodo, e que desse jeito, é claro, eles ficavam aquecidos. – Nós aguardamos e temos esperança – ela disse. – Porque devemos ter medo? Não fizemos nada de errado (p. 70).

Aqui claramente houve um diálogo, com as falas aparecendo em discurso direto. Novamente Gellhorn ressalta o otimismo e a esperança presentes na população civil finlandesa naquele cenário de guerra. A portadora desses sentimentos é a figura feminina.

A última personagem feminina citada é a esposa do presidente Pehr Svinhufvud, o primeiro *regius* da Finlândia e o terceiro presidente (1931-1937). Identificado como ‘Velho

Pedro’, ele recebe uma visita especial de Gellhorn. Sua esposa conta à jornalista que o velho presidente havia passado dois anos e meio na Sibéria por ter se recusado a violar a lei finlandesa por ordem da Rússia e, durante esse período, sua esposa – descrita como miúda de cabelo escuro e olhos brilhantes, mas forte em sua luta – havia estado três vezes ao campo de prisioneiros para cuidar do marido. Ela ressalta a lealdade de um para com o outro e para com a Finlândia, auto considerando-os um símbolo de seu povo. Gellhorn salienta a dedicação e cuidado da mulher para com o marido e, ao contar que foi convidada a voltar a visitá-los quando a guerra tivesse sido vencida, não deixa de ressaltar a boa expectativa de futuro da esposa do presidente.

No texto analisado, apesar de ter privilegiado as mulheres, Gellhorn respeita suas privacidades e mantém suas identidades incógnitas. Mesmo sendo uma figura pública, nem o nome de Alma Ellen Timgrené mencionado.

Considerações Finais

Conforme visto neste trabalho, Gellhorn não era uma jornalista que tinha a ‘objetividade’ como princípio. Não era uma simples fornecedora de *press release* - rápidos comunicados e despachos. Sem medo dos perigos e riscos que corria, ela buscava averiguar como a guerra alterava o dia-a-dia e a vida das pessoas ordinárias, particularmente as mulheres comuns.

Gellhorn abriu mão da inflexibilidade da utópica regra da ‘objetividade do jornalismo’ para melhor tratar de gente como a gente, com emoções e sentimentos. Observando em casas, hospitais e prisões, ou simplesmente ouvindo as histórias, sonhos e dramas, ela dava vozes àqueles que não eram ouvidos e, em especial, às mulheres. No texto analisado neste artigo, ‘Bombas sobre Helsinque’ extraído do livro *A face da guerra* (2009), a jornalista trouxe personagens femininas em situações diversas e particulares: a mulher ferida cuja maior dor seria a de saber da morte do filho; as senhoras que levavam a difícil situação com muito bom-humor; a jovem rica e sua babá, cujas maiores preocupações eram as crianças; a mãe preocupada com a filha doente, no entanto esperançosa e a esposa dedicada do presidente. Sua visão de guerra traz o olhar gendrado de uma mulher.

Na narrativa de Gellhorn há tristeza, compaixão, raiva, dor, revolta, mas também há otimismo, esperança, vontade de viver. Em nada, isso compromete a visão abrangente e detalhada do que cada guerra representou na linha do tempo. Sua narrativa da guerra, clara e direta, é um quadro vivo de conflitos que poucos tiveram a oportunidade de testemunhar

profissionalmente, um conjunto amplo de acontecimentos históricos descritos por uma jornalista que cobriu a história imediata de seu tempo.

REFERÊNCIAS

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHRISTOFOLETTI, R. **A medida do olhar**: autoria e objetividade na reportagem. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. ECA, Universidade de São Paulo, Orient. Cremilda Medina, 2004.

CUNHA, M. J. C. **História com tinta, voz e sangue**. Narrativas na correspondência de guerra do século XX. In: Fábio Henrique Pereira; Dione Oliveira Moura; Zélia Leal Adghirni. (Org.). *Jornalismo e Sociedade: Teorias e Metodologias*. 1a.ed., Florianópolis: Insular, 2012:243-261.

GELLHORN, M. **A face da guerra**(*The face of war*). Tradução Paulo Andrade Lemos e Anna Luisa Araujo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

_____. Mean streets of Salvador. **London Review of Books**, vol. 18, n. 16, 22 ag. 1996, p. 3-7.

HEMINGWAY, G. H. **Papa. Uma biografia pessoal**(*Papa: a personal memoir*). Prefácio de Norman Mailer. Tradução de Pinheiro Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1976.

HEMINGWAY, L. **Meu irmão Ernest Hemingway**.(*My brother, Ernest Hemingway*). Tradução Correia Lobo. Lisboa: Ulisseia, 1962.

JARDINE, C. The war of Martha's memory. Entrevista de Sandy Matthews. **The Telegraph**, 15 mai. 2001. Disponível em <http://www.telegraph.co.uk/culture/4723541/The-war-for-Marthas-memory.html>. Acesso em 12/08/2009.

LEÃO SERVA. **Prefácio**. In: GELLHORN, M. **A face da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009:13-18.

MOOREHEAD, C. (org.) **Selected letters of Martha Gellhorn**. Nova York: Owl Books, 2007.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

ROLLYSON, C. **Beautiful exile. The life of Martha Gellhorn**. Londres: Aurum Press, 2002.

NOTAS

ⁱO 'jornalismo de advocacia' é um modelo de jornalismo que, de forma intencional e claramente explicitada, defende um ponto de vista, visando algum objetivo social ou político (CUNHA, 2012: 257-8).

ⁱⁱDurante esse período, Martha Gellhorn se aproximou da esposa do presidente, Eleanor Roosevelt. Dessa aproximação resultou uma grande amizade que perduraria até a morte da primeira dama em 1962. Eleanor está

entre os destinatários de cartas escritas por Gellhorn que foram incluídas por Caroline Moore head em *Selected letters of Martha Gellhorn* (2007).

ⁱⁱⁱO encontro de Gellhorn e Hemingway aconteceu no SloppyJoe's Bar in Key West, Flo., local onde o escritor se reunia com os amigos após suas pescarias. O bar – acertadamente escolhido como o cenário do início dessa relação no filme *Hemingway & Gellhorn* (2012), dirigido por Phillip Kaufman – é retratado em detalhes no livro *Papa*, escrito por Gregory Hemingway (1976: 39-40), o filho caçula do autor de *O velho e o mar* (2012).

^{iv}Referência ao título do documentário *No job for a woman': the women Who foughtto report WWII* (Sem trabalho para uma mulher: as mulheres que lutaram para reportar a II Guerra Mundial), 64 minutos, produzido em 2011, sob a direção de Michele Midori Fillion, que enfoca a vida e o trabalho das repórteres Martha Gellhorn e Ruth Cowan, e da foto jornalista Dickey Chapelle.

^vEm 2009, ecoando dados do Exército americano revelados pelo *site* da BBC, o jornalista Ricardo Setti informou que 30% das mulheres foram estupradas durante o serviço militar, 71% foram vítimas de violência sexual e 90% de assédio sexual. ('Coluna do Ricardo Setti', <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti>, 25/2/2011).

^{vi}Sobre a fragilidade do sexo feminino, a capitã de infantaria Katie Petronio declarou que as mulheres – hoje 15% dos militares estadunidenses – sofrem quando no combate ativo em frentes de batalha, e que “a anatomia feminina não é capaz de resistir às asperezas de uma longa carreira militar” ('Coluna do Ricardo Setti', <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti>, 22/8/2012).

^{vii}A versão de Leicester Hemingway é distinta. Em seu livro *Meu irmão Ernest Hemingway* (1962: 226-238), ele revela que o escritor e jornalista “vinha acompanhando de perto o desenrolar dos acontecimentos em Espanha onde a situação [política] piorava de dia para dia”. Na verdade, Ernest Hemingway já estivera em Barcelona de março a maio de 1937 e lá se encontrava pela segunda vez quando Martha Gellhorn chegou à Espanha.

^{viii}Todos os trechos de falas pronunciadas por Gellhorn ou outros autores, que foram publicados originalmente em inglês, foram traduzidos para o português por M. J. Cunha.